

**12° CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE
Unicamp, Campinas, 20 a 23 de julho de 1999**

I Seminário sobre Letramento e Alfabetização

– Comunicação –

A interdisciplinaridade: um processo cognitivo com ensino globalizado

**Margaret Ruth Alford, (MA) e Bárbara Jo Kroeker (MA)
Sociedade Internacional de Linguística**

Apresentação do trabalho

Este trabalho apresenta uma experiência desenvolvida durante a segunda semana do Curso de Capacitação de Professores Indígenas Nambikuara, promovido por organizações governamentais e não governamentais, em Vilhena-RO de 16 a 27 de novembro de 1998. O Curso contou com a participação de oito professores e foi realizado na Chácara da Casa do Índio da FUNAI com uma sala de aula rústica e semi-aberta mas bem ampla com um piso ideal para atividades práticas.

Introdução ao povo Nambikuara

Na instalação das Linhas Telegráficas, ligando Cuiabá ao Amazonas, o Marechal Rondon calculou o povo Nambikuara em cerca de 10.000 pessoas (Rondon:1947; Cultural Survival:1980). Mas em 1945 o sarampo que acompanhou a exploração evoluiu até atingir uma epidemia, deixando grupos inteiros mortos e apenas uns 600 sobreviventes (Berenice Nambikuara: comunicação oral/gravada). Hoje conta-se com uma população de apenas 1.000 pessoas. (Kroeker:1998).

Os Nambikuara moram numa vasta região no Estado do Mato Grosso nas margens da Rodovia BR 174/364 de Pontes e Lacerda, MT a Vilhena, RO. Este espaço territorial é necessário para sua sobrevivência. Suas moradas são edificadas em locais estratégicos, próximos aos córregos ou rios e de manchas de terras mais férteis propícias ao plantio, e servidas por várias trilhas interligando as diversas aldeias e lugares de caça, pesca e colheita. Preferem as manchas de cerrado limpo para as suas aldeias, evitando o interior da mata alta para morarem.

O alimento básico dos Nambikuara é a mandioca. A roça, em geral, é familiar, suprimindo as necessidades alimentares de uma família extensa. A vida do povo é regida por um calendário em que o tempo é medido a partir de duas divisões bem distintas: a época da chuva e a época da seca. Os Nambikuara têm a característica de semi-nômades; que significa que eles moram em determinadas aldeias, com as suas plantações fixas, mas freqüentemente estas aldeias são abandonadas até por alguns meses enquanto todos andam nas matas, caçando e pescando.

O pátio da aldeia representa um espaço dinâmico, onde as mais simples atividades domésticas acontecem e podem ser compartilhadas por todos, e as mais importantes também ocorrem. Utilizado como palco, o pátio da aldeia apresenta um lugar para discursos e até para festas.

A língua Nambikuara

Os Nambikuara são representados por vários grupos, distinguíveis pela diversidade geo-cultural e geo-linguística. A língua falada por esses grupos é de uma família independente. As diferenças dialetais ali existentes podem ser percebidas entre os falantes da língua Nambikuara. A tonalidade, apresentada na ortografia com números, dá uma melodia especial, além de diferenciar as palavras que se apresentam com os sinais de fonética articulatória idênticos, diferenciando o significado de cada uma (ex: a²ta²su² [filho] e a²ta³su² [demônio]). O número² indica o crescente e o ³ o nível baixo).

O casal Menno e Bárbara Kroeker, membros da Sociedade Internacional de Linguística tem trabalhado com o povo Nambikuara desde 1961. Realizaram estudos linguísticos do complexo sistema de sons da língua Nambikuara, analisaram a estrutura gramatical e deram à fala a forma escrita. O trabalho inicial foi feito num ambiente completamente monolíngue sendo que os indígenas não falavam a língua portuguesa naquela época.

Educação Escolar Nambikuara (intercultural, bilíngue e bicognitivo)

Uma das aplicações práticas da linguística é a criação de um programa eficaz de educação escolar Nambikuara. O programa pedagógico tem proporcionado aos Nambikuara a oportunidade de usar e conservar a sua própria língua e cultura incluindo o etnoconhecimento e, ao mesmo tempo, de entender melhor o mundo externo de língua e cultura diferentes. “O desenvolvimento de habilidade na língua materna é crucial para o desenvolvimento cognitivo em geral e como base para a aprendizagem da segunda língua” (Dutcher e Tucker:1995).

A parte principal do programa é a preservação dos etnoconhecimentos do povo. Quando os Nambikuara moravam nas tradicionais aldeias circulares, em casinhas de sapé, os contadores de histórias falavam suficientemente alto do centro da aldeia para serem ouvidos por todos os habitantes deitados no chão ao redor da fogueira nas suas respectivas casas. Mas, na década de 80, quando as casas de madeira passaram a substituir as tradicionais de sapé, a recitação das histórias não era mais audível em toda a aldeia.

No início os linguistas gravaram os contos e os transcreveram em livrinhos, garantindo assim a sobrevivência e transmissão da tradição oral Nambikuara, através da leitura culturalmente apropriada. Prepararam alguns Nambikuara como professores para ensinarem nas suas próprias aldeias e os incentivaram a se tornarem escritores e desenhistas e a elaborarem seu próprio material de ensino

(Nambikuara:1978-1998). Colaboraram, quando solicitados, em outras áreas técnicas e também com os programas de educação promovidos, mais tarde, pelo governo.

A interdisciplinaridade

Há uma estratégia de ensino e aprendizagem chamado “linguagem integral interativa” que está dando certo nas escolas das comunidades Tok ples de Papua Nova Guiné, e em outras partes do mundo, onde as crianças estão aprendendo a ler lendo, e a escrever escrevendo, na sua língua materna, dentro de um contexto significativo. São aproveitadas, também, as habilidades que elas aprendem em casa. Isto torna as lições mais naturais, fáceis e divertidas para o professor e seus alunos (Stringer e Faraclas:1987). “Um currículo integrado usando ‘temas’ ajuda a tornar conteúdos estudados mais globais e contextualizados. Fazer uma ‘teia’ ao redor de um tema ou texto (Anexo 1) é uma técnica – um instrumento visual – que ajuda a integrar muitos dos aspectos do currículo dentro de uma só unidade” (Spaulding:1994).

A experiência interdisciplinar Nambikuara tem sido canalizada pelo pensar e repensar de uma metodologia de ensino que respeita as diferentes formas de ver e de ler o seu mundo e também utiliza “...a língua materna e os processos próprios de aprendizagem”(Art. 210 da Constituição Federal). Todo o trabalho partiu da oralidade e cosmovisão do povo Nambikuara (Murphy:1999) e surgiu através de diálogos e trabalhos práticos conforme a escolha de cada professor. Visando um currículo contextualizado com e ensino globalizado, os professores elaboraram quatro ciclos de estudos integrados, o último sendo um trabalho de mapeamento regional. Os dois filhos de um professor acompanharam todas as atividades de perto, aprendendo, à maneira cultural, através de observação, participação e imitação auto-iniciada.

O trabalho incluiu:

1. **As atividades principais no seu dia-a-dia.** Desenharam um enorme círculo no chão e o dividiram conforme sua classificação das horas mais importantes. Ilustraram os afazeres masculinos e femininos do seu povo.
2. **A classificação e divisão das estações do ano Nambikuara.** O tempo é dividido a partir de duas divisões distintas: a época da seca e a época da chuva. Incluíram a importância do trabalho, lazer e festas em cada divisão. Há algumas variações conforme o grupo ou local¹.
3. **A produção de um calendário para 1999**, incluindo as fases da lua e ilustrações, de todos os professores, apropriadas a cada época.
4. **Mapeamento regional que envolveu:**

- ❑ A produção de mapas das aldeias incluindo a população (masculina/feminina, adulto/criança) e um estudo mais profundo, com a Bárbara, do relacionamento social, utilizando o livro “Nosso Povo: Um Censo da População Nambikuara do Campo” (Kroecker, Bárbara:1998).
- ❑ A localização e o posicionamento das aldeias num papel pardo largo e comprido. Os professores colaram cada aldeia no seu lugar após verificar o local atual com os demais colegas.
- ❑ A localização e ilustração, após estudo livre em grupos, da hidrografia, do relevo, da delimitação das reservas e de meios de comunicação e transporte entre as aldeias e as cidades mais próximas. Um desenho de Vilhena, contornado por barbante, incluiu a localização da FUNAI. Foram destacados também outros lugares de maior significado para os professores presentes (por exemplo: fazendas, lavoura, serraria, linha telegráfica, aeroporto, Torre Embratel, Polícia Federal, Posto Fiscal, etc.).

Obs.: Depois do Curso na viagem de volta às suas aldeias, os professores verificaram a localização de vários pontos de referência/lugares e comentaram sobre outros que não incluíram e sobre a realidade atual em relação ao seu mapeamento!

Cada passo das atividades foi feito em grupo e automaticamente incluiu diálogos bilíngues. Os professores priorizaram, com facilidade, um trabalho interdisciplinar. Começaram a refletir especificamente na interação das atividades desenvolvidas e na organização e aplicação desse saber (evitando assim a fragmentação do mesmo) nas diversas áreas de estudo e nos ciclos iniciais: Ciências Naturais e Sociais, Geografia, História, Línguas Materna e Portuguesa, Arte e Matemática². Levaram em conta também a situação e as dificuldades enfrentadas em sua área e escola em particular. Para as várias áreas de estudo exploradas veja Anexo 2.

Obstáculos

A situação das comunidades Nambikuara é bastante precária ainda hoje³. A falta de transporte e a distância entre as aldeias e as cidades mais próximas dificultam a atuação especialmente nas áreas de saúde e educação escolar. Os professores Nambikuara têm interesse no seu trabalho mas, infelizmente, seu curso “Geração” de magistério acabou antes deles se formarem e o Projeto Tucum de Mato Grosso não tem condições, nesta altura, de incluí-los. Vemos neste fato o maior desafio no momento para que a educação escolar bilíngue e intercultural continue se desenvolvendo entre os Nambikuara. Qualquer professor não indígena, mesmo bem qualificado, permanecerá muito pouco tempo numa aldeia Nambikuara tão distante da chamada “civilização”. Não há dúvida que o melhor professor para ensinar as

crianças Nambikuara é um do seu próprio povo; cabe a nós, então, apoiá-los nesta luta contra o tempo para que continuem no seu esforço escolar.

Avaliação

Todas as atividades do Curso levaram em conta a importância de: começar com conceitos conhecidos dos alunos antes de introduzir os desconhecidos da cultura nacional; valorizar e incluir o etnoconhecimento Nambikuara no currículo escolar, e ao mesmo tempo, através da sua tradução para o português, dar aos leitores não-Nambikuara uma oportunidade de apreciá-lo e entendê-lo também⁴.

Esta experiência prática-pedagógica foi apenas um primeiro passo para os professores. Devido o pouco tempo disponível, não deu para ir mais longe nas várias implicações do mapeamento mas lembramos que para os indígenas é o processo que fica mais em foco do que o produto em si. A interação dos professores no fazer do mapa destacou o quanto eles aprenderam neste processo.

“São essenciais para qualquer programa bem sucedido o apoio e o envolvimento dos pais e da comunidade” (Dutcher e Tucker:1995) assim, cada professor, retornando à aldeia de origem, comunicará com a sua comunidade e sondará a aplicabilidade do que aprendeu e realizou no Curso na sua sala de aula, conforme o interesse e a idade de seus alunos.

Visamos uma continuação deste estudo na próxima oportunidade, chegando assim a uma organização mais detalhada para que o ensino interdisciplinar seja bem entendido pela comunidade e aplicado numa forma cultural nas escolas indígenas Nambikuara. Sem dúvida, o “Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas” (MEC:1998) auxiliará os professores neste sentido.

Obs.: Refletindo, eu, Margaret, vejo uma grande vantagem em ser convidada a trabalhar em parceria com professores indígenas que, ao mesmo tempo, têm ao seu lado pessoas que conhecem a fundo a cultura e falam fluentemente a língua indígena. Meu trabalho com os professores Nambikuara valeu mais sendo orientada pela linguista/pedagoga Bárbara. Minha experiência de mais de vinte cinco anos como pedagoga, tem sido ampliada e enriquecida duma maneira indisputável e inesquecível trabalhando assim em várias equipes. Tenho certeza absoluta de que a educação escolar indígena que parte da oralidade e da cosmovisão do povo e que valoriza e usa a sua língua, tanto quanto a segunda, é o melhor caminho para que os alunos indígenas tenham uma educação específica, contextualizada e intercultural.

Dou meus parabéns aos professores Nambikuara e às pessoas que lhes acompanham. Tenho orgulho de poder trabalhar um pouco com vocês, e, como sempre, aprendi muito! Obrigada.

Notas

¹ Os professores Karajá elaboraram seu próprio Livro de Estudos Sociais em 1982. O livro inclui um estudo das Estações do Ano Karajá. (Veja também Alford:1989). No IV Treinamento Pedagógico, em outubro de

1997, os professores Rikbaktsa produziram um livro “Rikbaktsa – Um processo Histórico” que inclui um estudo profundo das estações do ano rikbaktsa (páginas 1-4).

² Em 1998 o Ministério da Educação e do Desporto – MEC publicou o “Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas” mas ainda não chegou nas mãos dos professores e orientadores.

³ Parece que os Nambikuara, em geral, continuam vivendo como no tempo da visita do antropólogo Claude Lévi-Strauss (“Tristes Tropiques” traduzido do Francês por John Russell. New York: Atheneum. 1970. 7ª edição).

⁴ Durante a primeira semana a professora Maria Heloiza Oliveira de Freitas abordou, numa maneira bem prática, os temas “Mediadores de Experiência de Aprendizagem Interação dos Alunos com o Meio em que Vivem” e “O Uso Criativo e Integrado do Texto” utilizando Histórias Indígenas (Alford:1997 e 1998).

Referências Bibliográficas

Alford, Margaret. 1989. Um Programa de Ensino Bilíngue Culturalmente Relevante para o Karajá. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Sér. Antropol. Belém, 5(2):112-146.

_____ (comp.). 1997. Histórias Indígenas. Retroversão de Histórias Escritas por Autores Indígenas nas suas Línguas Maternas. Livro de Leitura para Escolas Indígenas. Vol. 1.

_____ (comp.) 1998. Histórias Indígenas. Lendas, Mitos e Contos Antigos. Retroversão de Histórias Escritas por Autores Indígenas nas suas Línguas Maternas. Livro de Leitura para Escolas Indígenas. Vol. 2.

Cultural Survival. 1980. Polonoeste, the BR-364 Highway and Indians in Brazil. Newsletter 4(4):1-6.

Dutcher, Nadine e G. Richard Tucker. 1995. The Use of First and Second Languages in Education. Publicado pelo East Asia and Pacific Country Department III do Banco Mundial, após reuniões do Pacific Island Countries Development Partners Meeting.

Green, Diana. 1997. Diferenças entre Termos Numéricos em algumas Línguas Indígenas do Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Sér. Antropol. Belém, 13(2):179-207.

Kroeker, Bárbara (comp.). 1998. Nosso Povo: Um Censo da População Nambikuara do Campo. Cuiabá:SIL. 45p.

Kroeker, Menno (comp.). 1996. Dicionário Escolar Bilíngue Nambikuara-Português Português-Nambikuara. Porto Velho:SIL. 198p.

MEC. 1998. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília:MEC/SEF. 339p.

Murphy, Isabel. 1999. Conflitos de Cosmovisões no Ensino: Educação Escolar Indígena. Trabalho apresentado no 12º COLE. Campinas, SP.

Nambikuara, Autores. 1978. Nossas Histórias.1978. Brasília:SIL. 39p

_____. 1995. Estórias de Animais. Livro 3. Cuiabá:SIL. 12p.

_____. 1995. Defendendo Nossa Terra. Cuiabá-SIL.

_____. 1995. Nossas Histórias e Experiências. 2ª ed. Cuiabá:SIL. 41p.

_____. 1998. Histórias de Animais. Livro 1. Cuiabá:SIL. 08p.

_____. 1998. Histórias de Animais. Livro 2. Cuiabá:SIL. 21p.

Nambikuara, Jaime. 1996. A Menina Moça. Porto Velho:SIL. 11p.

- Nambikuara, Natã. 1995. Ensinando Nossas Crianças. Cuiabá:SIL. 27p.
- Professores Karajá. 1982. Estudos Sociais Karajá. Brasília:SIL. 110p.
- Professores Rikbaktsa. 1997. Rikbaktsa–Um Processo Histórico. Cuiabá:SIL. 38p.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva. 1947. História Natural: Etnografia. Publicação 2 da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas; Anexo 5. Rio de Janeiro:Imprensa Nacional.
- Spaulding, S. 1994. Community Directed Curriculum Development. READ:29(1)
- Stringer, Mary D. e Nicholas G. Faraclas. 1987. Working together for Literacy. Papua Nova Guiné: Melanésia (também o vídeo: Linguagem Integral Interativa – Treinamento Tok ples).

Obs.: Os Nambikuara têm pelo menos dez títulos a mais que não constam nesta lista (lendas, mitos, histórias e lições práticas, etc.)

Anexo 1 veja folha anexo

Interdisciplinaridade
Ensino globalizado e contextualizado

Anexo 2 Conteúdos Explorados

Ciências Naturais e Sociais:

meio-ambiente, ecologia, etnociência, reflorestamento, animais, aves, alimentação, ervas medicinais, divisão de trabalho, formação de família e aldeias, moradia e transporte.

Geografia:

universo cultural atual e da sociedade majoritária, localização e limites (Nambikuara, Autores. 1995), meio-ambiente, hidrografia, relevo, vegetação, flora e fauna.

História:

ethnohistória e outros temas históricos (Nambikuara:1978-1998).

O Livro do Censo (Kroeker, Bárbara:1998) comprova que a população atual está se recuperando dos estragos causados pela epidemia de sarampo.

Matemática:

Começando com conceitos matemáticos Nambikuara (Green:1997); maneiras de classificar, contar, medir (tempo, idade), operações numéricas, ordem crescente e decrescente, porcentagem, geometria.

Educação Artística:

expressões artísticas utilizando vários recursos e técnicas; música e drama.

Língua Materna (oral, leitura e escrita)

A linguista/pedagoga Bárbara sempre acompanhou os debates dos professores na língua Nambikuara, ajudando-os especificamente:

- ❑ num diálogo sobre o significado dos nomes de lugares mencionados no mapa e vários aspectos da cosmovisão Nambikuara, por exemplo, e
- ❑ no uso diário do Dicionário Escolar Bilíngue Nambikuara-Português (Kroeker, Menno:1996). O mesmo sendo motivo de grande orgulho comunitário, pois os Nambikuara puderam assim ver a sua própria língua ombreando com o Português.

Língua Portuguesa (oral, leitura e escrita)

- ❑ Os nomes dos lugares mencionados no mapa foram discutidos.

- Uso diário do dicionário Escolar Bilíngue para dominar a ordem alfabética e captar melhor palavras e termos didáticos em Português que são necessários para acompanhar e entender os conceitos desconhecidos ou menos conhecidos.

Os Nambikuara gostam de ler a informação fatural e as estatísticas de parentesco contidas no seu Livro do Censo. Algumas informações têm dado resultado bem útil na vida dos jovens pois hoje em dia precisam de documentos como a carteira de identidade!